

RESENHA

BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, 283pp.

O paradigma da secularização ou do pluralismo? Caminhos para uma nova abordagem sobre a relação entre religião e modernidade

VANESSA SILVA PALAGAR RIBEIRO*



Em seu último livro, *Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*, Berger traz importantes contribuições para a construção de um novo paradigma sobre a relação entre religião e modernidade. O autor reconhece que a modernidade não leva necessariamente à secularização, mas ao pluralismo. Onde, o pluralismo, que enfraquece a certeza religiosa e abre possibilidades para escolhas cognitivas e normativas. Neste sentido, o autor propõe um novo paradigma que compreenda coexistência de dois pluralismos, a saber, a coexistência de diferentes religiões e a coexistência de discursos religiosos e seculares.

No primeiro capítulo, Berger busca apresentar a relação entre pluralismo e modernidade. Definindo pluralismo como a coexistência social pacífica entre pessoas de diferentes etnias, cosmologias e moralidades, que interagem amigavelmente; e modernidade como às mudanças históricas provocadas pela ciência e a tecnologia no mundo. Ela traz consigo uma mudança na condição humana, pois ao tornar o pluralismo globalizado, transforma a ideia do destino para a capacidade de fazer escolhas. Isto, porque o pluralismo relativiza, e nesse processo ele acaba por enfraquecer muitas das certezas com as quais os indivíduos vivem, gerando uma inquietação no interior dos mesmos. Donde surgem duas possibilidades atenuantes: o fundamentalismo – um esforço na restauração da certeza ameaçada pela relativização; e o relativismo – a admissão da relatividade sob a perspectiva de que não existe nenhuma verdade cognitiva ou normativa absoluta.

No capítulo segundo, Berger aborda o aspecto da religião na consciência e no comportamento dos indivíduos. A religião na mente das pessoas passa pelo o que o autor chamou de “níveis de graus de certeza”, indo da certeza indiscutível, para a certeza aceita e

improvável que mude, chegando ao mais alto grau das opiniões que são mantidas “até segunda ordem”. Isto porque, o pluralismo enfraquece a certeza religiosa e disponibiliza uma variedade de escolhas. E a religião no comportamento dos indivíduos, sofre influência do que o autor chamou de “estrutura de plausibilidade”. Ou seja, uma estrutura de plausibilidade é o contexto social no qual qualquer definição (cognitiva ou normativa) da realidade é plausível. Como a religião se tornou mais diversificada na maior parte do mundo, isso afetou a plausibilidade de toda tradição religiosa. Isto é, os indivíduos enfrentam a possibilidade de dúvida em toda tradição.

O capítulo 3 aborda aspectos relacionados ao pluralismo e as instituições religiosas. “Uma instituição é um programa de comportamento que, quando adequadamente interiorizado, faz o indivíduo agir espontaneamente e sem muita ou nenhuma reflexão no setor relevante da vida social” (p.77). Então, temos que os indivíduos interiorizam as regras sociais ao ser institucionalizado durante toda sua vida; este modo de conceber as instituições demonstra que todas elas (principalmente as religiosas) possuem um correlato interno na consciência. De acordo com Berger quando se compreende o efeito do pluralismo em minar o dado-como-certo da religião, iniciando um processo de desinstitucionalização da mesma, deve-se diferenciar entre dois níveis, o individual e o coletivo. No primeiro, os indivíduos por si só constroem uma cosmovisão de mundo. E no segundo, a liberdade de escolha se manifesta na associação voluntária. Estes são os dois grandes efeitos do pluralismo na modernidade.

No quarto capítulo, Berger revela que a teoria da secularização não estava totalmente errada. A modernidade não levou ao declínio da religião, mas produziu um discurso secular, que permitiu as pessoas lidarem com diversas áreas da vida sem precisar recorrer a definições religiosas da realidade. Dito isto, o autor afirma que a ciência e a tecnologia moderna funcionam na base do discurso secular, a partir da noção “como se Deus não existisse”. Esta expressão descreve o discurso secular da modernidade. O discurso secular existe tanto nas mentes subjetivas dos indivíduos quanto em instituições inteiras específicas da sociedade. Mas isso não significa que todo discurso religioso foi (ou seja) substituído pelo discurso secular. Este foi o erro anterior, o que realmente ocorre é que os indivíduos possuem a capacidade de articular diferentes discursos conscientemente, inclusive o discurso religioso e o secular, dependendo de qual é diretamente relevante para o assunto em questão, como traço essencial da pessoa moderna. Para entender isto, o autor propõe o conceito de estrutura de relevância de Schutz, afirmando que precisamos entender que vivemos com diferentes relevâncias a todo o tempo em nossas vidas, não somente a religiosa ou secular. Pode-se dizer que a capacidade de administrar as diferentes relevâncias aumentou com o advento da modernidade. Destarte, o pluralismo oferece as bases para que os indivíduos juntem as suas crenças religiosas, realizando suas próprias construções. Assim, a administração da dúvida se coloca como uma tarefa, tanto para os crentes individuais quanto para as instituições religiosas.

No quinto capítulo, Berger analisa a relação entre secularidade e religião nas sociedades modernas, utilizando o

conceito de “modernidades múltiplas” do sociólogo Shmuel Eisenstadt. Neste sentido, o autor observa que na estrutura de relevância secular existem vários discursos, o da tecnologia, burocracia e o discurso da economia de mercado capitalista. Eles são bastante poderosos numa sociedade moderna, e exercem pressão sobre a religião. No entanto, as mesmas não substituem os discursos religiosos, mas reafirmam o espaço do pluralismo como representação do mundo contemporâneo. É claro que o discurso secular estabelecido tanto nas mentes dos indivíduos quanto na sociedade, provoca disputas de fronteiras, e que o discurso secular apresenta uma posição privilegiada em toda sociedade moderna. Porém, isso não reduz as várias combinações possíveis na coexistência entre religião e secularidade, mas é preciso levar em conta a existência de um pluralismo de diferentes versões da modernidade.

No último capítulo, Berger trata da administração política do pluralismo. Para o autor o pluralismo religioso produz dois problemas políticos distintos: “como o Estado define a sua própria relação com a religião, e como o Estado faz para regular as relações de diferentes religiões umas com as outras” (p. 158). Em resposta, ele propõe as “fórmulas da paz”. Historicamente, uma importante fórmula da paz foi dada pela indiferença oficial, se refere a certa “neutralidade” na ação política em relação a religião, e também, mais recentemente a separação entre o Estado e a Igreja. Todas as democracias ocidentais funcionam com esta separação, no entanto, em versões diferentes. Mas o que todas as versões têm em comum é um Estado neutro organizado na base de um discurso secular. Assim, Berger conclui que nas condições modernas, a versão que melhor sustentaria uma ordem política

estável e humana capaz de administrar o que ele chamou de ‘os dois pluralismos’, é a fórmula da paz baseada em alguma versão da separação entre Estado e Igreja.

Por fim, a parte final do livro traz três respostas à proposta de Berger. A primeira é realizada pela socióloga Nancy T. Ammerman. A partir dos resultados obtidos numa pesquisa que realizou nos Estados Unidos, a autora compartilha de muitas ideias com a nova teoria, mas critica os caminhos tomados por Berger para entender a relação entre o religioso e o secular utilizando a dimensão proposta do Schutz e a fenomenologia. Contudo, a autora conclui que foi realizado um grande avanço teórico, ao reconhecer que no mundo moderno existe uma permeabilidade das fronteiras entre as esferas sociais e entre as tradições, na qual a religião e o sagrado podem ser encontrados em diversos espaços e assumir diferentes formas.

Pollack traz comentários críticos positivos à teoria de Berger e levanta três questões questionáveis em sua teoria. A primeira, refere-se a dificuldade em compreender se Berger está realmente se distanciando ou não da sua teoria da secularização; a segunda é referente a tese da coexistência entre o discurso religioso e discurso secular; e a terceira objeção é que a crescente pluralidade na esfera religiosa proporciona uma indeterminação dos conteúdos da fé, e na medida em que se torna impossível fazer uma escolha entre as diversas proposições de fé, as pessoas se tornam cada vez mais indiferentes em relação à fé. Por fim, Pollack afirma que a abordagem de Berger está mais inclinada a um fortalecimento da teoria de secularização, embora numa nova

roupagem, do que o estabelecimento de uma nova teoria.

Por último, Fenggang Yang entende que Berger construiu neste texto não um novo paradigma do pluralismo, mas antes, uma nova teoria da secularização por agenciamento. E também aponta algumas ressalvas, como a necessidade de lidar com as questões suscitadas pela mudança de paradigma; a de responder para quê estabelecer um novo paradigma; e a de esclarecer conceitualmente a nova teoria descritiva do pluralismo religioso afim de que possa se tornar um instrumento conceitual útil para do estudo sociocientífico da religião e do pluralismo religioso moderno.

Assim, percebo que o livro de Peter Berger contribui efetivamente para o aprofundamento das discussões sobre a relação entre religião e modernidade, trazendo novos desafios de entender a religião num contexto do pluralismo moderno. Ainda, há um grande caminho a percorrer nesta direção, mas é fato que o autor deixa aos sociólogos da religião uma grande missão nas mãos: a de desenvolver uma nova teoria que não descarte completamente a antiga teoria da secularização, mas leve em seu argumento central os efeitos do pluralismo religioso na contemporaneidade.

Recebido em 2018-06-01

Publicado em 2018-07-06

* VANESSA SILVA PALAGAR RIBEIRO é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Estadual do Norte Fluminense.